

ORGANIZADORA

Claudia Madruga Cunha

# PESQUISA PÓS-QUALITATIVA EM LINGUAGEM, CORPO E ESTÉTICA na educação



|

São Paulo

|

2023

|



pimenta  
cultural

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P474

Pesquisa pós-qualitativa em linguagem, corpo e estética: na educação/ Organização Claudia Madruga Cunha. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-847-8

DOI 10.31560/pimentacultural/2023.98478

1. Pesquisa pós-qualitativa. 2. Procedimentos metodológicos. 3. Escrita inventiva. 4. Leitura. 5. Produção de conhecimento. I. Cunha, Claudia Madruga (Org.). II. Título.

CDD: 001.42

Índice para catálogo sistemático

I. Pesquisa pós-qualitativa

Simone Sales - Bibliotecária - CRB: ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2023 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2023 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

*Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).*

Os termos desta licença estão disponíveis em:

[<https://creativecommons.org/licenses/>](https://creativecommons.org/licenses/).

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

---

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Bianca Bieging
Estagiária	Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Imagens da capa	Freepik, Kadoll - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Coolvetica, Coco Gothic
Revisão	Eduarda Ritzel
Organizadora	Claudia Madruga Cunha

---

**PIMENTA CULTURAL**

São Paulo • SP  
+55 (11) 96766 2200  
[livro@pimentacultural.com](mailto:livro@pimentacultural.com)  
[www.pimentacultural.com](http://www.pimentacultural.com)



# 4

*Luciano Bedin da Costa*

## **NOTAS SOBRE A LEITURA VIVA E SUA PRESENÇA NA PESQUISA ACADÊMICA**

*Talvez a sobrevivência dos bons livros dependa muito mais do fato de eles dizerem uma coisa diferente para cada leitor, do que de conseguirem repetir o mesmo significado para uma geração inteira.*

**Sabrina Seldmayer**

## NOTA UM

Que os livros e a leitura já salvaram muita gente, disso não tenho dúvidas. Lembro do trabalho belíssimo de Michèle Petit junto a crianças e jovens migrantes, frequentadores de bibliotecas comunitárias, nas tantas obras dedicadas à literatura, em especial da pergunta que dá título a um de seus ensaios: “Para que serve a leitura?” (PETIT, 2019b, p. 37). Embora goste de pensar a leitura como experiência de inutilidade, a ideia de serventia não me parece de todo modo equivocada, uma vez que boa parte de nossas leituras são empregadas por necessidades que se fazem à luz das demandas do cotidiano, de um processo de escolarização que inicia na tenra idade e que nos acompanha ao longo da vida<sup>13</sup>. Quantas vezes já lemos um livro em função de uma prova ou tarefa escolar, de um trabalho acadêmico, de uma dissertação, tese e assim vai? Com certeza, muitas dessas leituras não seriam realizadas se tais exigências não nos batessem à porta. Nessas situações, o ato de ler se torna um meio para se chegar a uma outra coisa que não a leitura propriamente dita. E então lemos para que possamos melhor percorrer os itinerários curriculares propostos – para muitos, impostos – pela escola e universidade, instituições cujo imaginário se edifica através de um suposto saber. Não quero, com isso, afirmar que tais leituras

13

Compreendo aqui a escolarização como um longo e contínuo processo de subjetivação que não se restringe ao espaço-tempo escolar, uma vez que a universidade e as demais instituições de formação pedagógica funcionam como tentáculos dessa lógica de subjetivação primeira.

compulsórias estão por natureza fadadas ao fracasso. Quantas autoras e autores de nossa admiração não teríamos a chance de conhecer se não fossemos em um primeiro momento obrigados a lê-las e lê-los? Lembro, por exemplo, dos amados e famigerados temas de casa, quando nos reuníamos para consultar a *Barsa*<sup>14</sup> ou a *Delta-Larousse*<sup>15</sup>, com suas capas duras e páginas de papel couchê repletas de ilustrações, cheiros e texturas. Lembro igualmente da expectativa que sentíamos ao rompermos o invólucro plastificado de cada nova edição do *Almanaque Abril*<sup>16</sup>, do “grande mestre” que, muito antes do Google, facilitava nosso trabalho de pesquisa<sup>17</sup>. Em suas quase quinhentas páginas descobríamos que, apesar de terem quase o mesmo tamanho, a população do Brasil era cinco vezes maior do que a do Canadá, que as bandeiras da Indonésia e da Polônia eram muito parecidas, que a primeira Copa do Mundo de futebol havia sido realizada em 1930 no Uruguai. Quantas coisas não aprendemos com a leitura de tais calhamaços?

“Utilidade social ou exigência vital?”, indaga-nos Michèle Petit (2019a, p. 39) sobre a presença da leitura em nossas vidas, desse misterioso gesto que envolve obrigação, curiosidade, distração e também deleite. Gostaria de trazer aqui a pequena e encantadora obra de Roland Barthes intitulada *Aula*, uma transcrição do seu discurso de ingresso no *Collège de France*, quando nos adverte que

14 A *Barsa* foi a primeira enciclopédia brasileira, contando com uma equipe editorial formada por grandes escritores e intelectuais da época, tais como Jorge Amado, Antônio Houaiss, Oscar Niemeyer e Antônio Callado. Sua versão impressa, formada por 16 volumes, teve duração entre os anos de 1964 e 1996, época em que as edições digitais passaram a ganhar maior popularidade no país e no mundo.

15 Enciclopédia com grande circulação nacional entre as décadas de 1960 e 1990, sendo constituída por 15 volumes e publicada pela editora carioca *Delta*.

16 O *Almanaque Abril* foi um anuário publicado pela Editora Abril entre 1974 e 2005, sendo comercializado em larga escala por livrarias e bancas de revistas de todo país.

17 “Almanaque Abril’89. O grande mestre que facilita seu trabalho de pesquisa”, propaganda publicitária da época. Disponível em: <https://propagandasdegibi.wordpress.com/2016/04/30/almanaque-abril-1988-2/>. Acesso 9 jun. 2023.

“saber” e “sabor” possuem a mesma raiz etimológica. “Na ordem do saber, para que as coisas se tornem o que são, o que foram, é necessário esse ingrediente, o *sal das palavras*. É esse gosto das palavras que faz o saber profundo, fecundo” (BARTHES, 2013, p. 20-21, grifo nosso). Então me pergunto sobre o tal “sal das palavras” quando nos colocamos à condição de leitora(e)s, se o mesmo estaria já presente no texto a ser lido – o que possibilitaria a catalogação de escritas mais ou menos salgadas –, ou se seríamos nós a temperar tais escritas com o sabor de nossas leituras. Talvez seja as duas coisas juntas: a leitura não seria apenas a constatação ou mesmo o gesto de produção desse sal, mas a ativação de certos princípios já existentes no texto e que estariam apenas à espera do(a) insólito(a) alquimista chamado(a) leitor(a). Trata-se de um impasse que provavelmente continuará em aberto, posto que, segundo nosso autor, “a leitura é aquilo que não para” (2004a, p. 171).

A citação acima foi extraída do ensaio “Por uma teoria da leitura”, redigido em 1972 para um colóquio de pedagogia, onde Barthes, de forma simples e direta, lança ao leitor três perguntas de difícil resolução: “O que ocorre no ato total de leitura? Onde começa a leitura? Até onde ela vai?” (BARTHES, 2004a, p. 17). A ideia barthesiana da leitura enquanto “algo que não para”, que “não se sabe onde começa” e tampouco “aonde irá parar”, me lembra uma passagem de Henry Miller em *Primavera Negra*, em que traz a figura do caranguejo como aquele que se move por todos os lados e direções (MILLER, 1968, p. 34-35). Ao invés do voo do pássaro ou do mergulho do peixe, talvez seja mais interessante pensarmos a leitura como o tal deslocamento do caranguejo milleriano, enquanto experiência de lateralidade sem promessas de avanço ou de retrocesso, de elevação ou de profundidade. A garantia de uma leitura, se é que exista alguma, é a de ser, ela própria, um vetor de movimento – ao menos as leituras que a seguir chamaremos de *vivas*.

## NOTA DOIS

Ao abordar o tema da leitura, Barthes (2004a, p. 173) propõe a seguinte tipologia: “há leituras *mortas* (submetidas a estereótipos, às repetições mentais, às palavras de ordem) e há leituras *vivas* (que produzem um texto interior, homogêneo como uma escrita virtual do leitor)”. Para Barthes, a *leitura viva* – essa capaz de fazer com que o leitor acredite emocionalmente naquilo que está lendo (mesmo que, em alguns casos, reconheça sua irrealidade) é uma leitura cindida, fronteira, clivada. Quando nos vemos arrastados pelo calor de tal leitura é como se o tempo e o espaço fossem subsumidos à pulsação rítmica que envolve o gesto de acompanhar e de virar uma página. Se “página e país têm a mesma etimologia” (PETIT, 2009, p. 93), quando acometidos pela *leitura viva*, acabamos por nos tornar leitor(a)s despatriado(a)s. “É condição própria da leitura ser clandestina (enigma das bibliotecas públicas: são coleções de clandestinidades). Sempre se lê furtivamente: é preciso o escuro para que se opere a ‘decomposição sensacional’ do sujeito, a surpresa profunda, batida do coração, que é do gozo, do medo” (BARTHES, 2004a, p. 257). Se considerarmos que a batida do coração é sempre única (uma vez que há mil e uma variações não captadas pelos eletrocardiogramas), única será sempre a leitura por nós empregada. Como o rio heraclítico, não lemos duas vezes um mesmo texto, uma vez que nós estamos em contínuo movimento bem como o texto, que se atualiza a cada leitura empregada. O certo é que a *leitura viva* pode ser muito surpreendente. Mas essa surpresa não está necessariamente nas histórias, ideias e conceitos que ela nos permite conhecer, mas no fato de ser capaz de operar em nós mesma(o)s a surpresa. Isso tem a ver com *Aqueles que queimam livros*, um breve e astucioso ensaio de George Steiner, onde afirma que: “lemos o livro, porém mais profundamente, pode ser o livro que nos lê” (STEINER, 2020, p. 16).

Transportemos a questão acima para o meio acadêmico, no tanto de *leituras mortas* que fazemos ao longo de nossas pesquisas.



Pensemos nos inúmeros artigos e livros utilizados para corroborar conclusões pré-existentes, no quanto restringimos a possibilidade de surpresa quando a leitura se torna um gesto racionalizado demais e deliberadamente utilitário.

## NOTA TRÊS

Pensemos agora no leitor e leitora vivo(a)s, não como aquele(a) que denuncia a suposta mentira projetada no interior da caverna, mas como aquele(a) que suspeita que atrás de sua caverna se esconde uma outra caverna e assim sucessivamente (NIETZSCHE, 2000, p. 240). Em fragmento póstumo de 1872, Nietzsche assinala: "A sentença deve ser declarada: vivemos somente através de ilusões. Há muita coisa que se esconde diante do nosso olhar" (NIETZSCHE, 2007, p. 57). Que coisas seriam estas que, embora estejam muito próximas de nós, não são passíveis de serem percebidas? Em outro fragmento póstumo deste mesmo ano é possível encontrar o que parece ser um alargamento da sentença acima declarada: "Vivemos, com efeito, numa ilusão contínua da superficialidade de nosso intelecto: para viver, precisamos da arte a todo instante. Nosso olho nos prende às *formas*. Se, no entanto, somos nós mesmos a adquirir, aos poucos, esse olho, então vemos vigorar em nós próprios uma *força* artística" (NIETZSCHE, 2007, p. 58). Atentemo-nos às palavras *forma* e *força*, já grifadas por Nietzsche no documento original, no quanto podem ser preciosas para pensarmos o problema da leitura. O olho que se detém somente às formas por certo terá muita dificuldade em reconhecer as forças nestas manifestadas. Seria a *leitura viva* um corpo de passagem das formas às formas? O que nossos olhos não são capazes de capturar quando nos vemos diante de uma página? O que seria isto que não conseguimos ler? Em uma tentativa de resposta, trago um excerto de *Sobre a mentira e a verdade no sentido*

*extramoral* de Nietzsche (2007), mais precisamente do prefácio assinado pelo tradutor do livro.

Mas se, por aí, o homem não faz senão se enredar na trama de suas próprias ficções, não lhe seria permitido vislumbrar uma dimensão mais visceral, através da qual ele pudesse reencontrar não a presença imediata das coisas em si mesmas, mas aquilo que há de “inexplorado na palavra”? (BARROS, 2007, p. 20).

Não se trata, portanto, de assumir a leitura como uma operação capaz de clarear as supostas ficções em nós esculpidas pelo tempo, mas de colocar estas mesmas ficções na condição de jogo. Para isso será necessário, segundo escreve Nietzsche no fragmento póstumo supracitado, o exercício ético-estético da criação de olhos ainda não inventados. Somos levados a pensar a *leitura viva* como uma das experiências, talvez a mais incisiva, de gestação do olhar. Não lemos somente pelo fato de termos um par de globos oculares. Lemos porque o “inexplorado da palavra” continua ali, à espreita de nosso olhar, por entre suas letras, caracteres e espaços.

## NOTA QUATRO

A *leitura viva* é urdida em nós, não para que possamos “pensar melhor” – o que na lógica cartesiana do *cogito, ergo sum* equivaleria a “existir melhor” –, mas para que o *Homo sapiens* e o *Homo faber*, personagens solenes em nosso imaginário acadêmico, possam ter a chance de brincar<sup>18</sup>. Esquizo aos ideais de racionalidade (*sapiens*) e de fabricação/produktividade (*faber*), o *leitor vivo*

18 Diferentemente de línguas como alemão, inglês, francês e espanhol, em que se utiliza um mesmo verbo para designar as atividades de jogar e brincar (*spielen, play, jouer, jugar*), o português faz essa diferenciação, levando-nos a pensar que exista uma diferença fundamental entre as mesmas, algo com o qual tendo a discordar.

estaria próximo ao que Johan Huizinga (2019) tão aguçadamente chamou de *Homo ludens*.

Uma época mais otimista que a atual atreveu-se a chamar nossa espécie pelo nome de *Homo sapiens*. Com o passar do tempo, acabamos por compreender que, afinal de contas, não somos tão racionais quanto a ingenuidade e o culto da razão do século XVIII nos fizeram supor; a moda dos tempos modernos inclinou-se então a designar nossa espécie como *Homo faber*. Embora *faber* não seja uma definição tão duvidosa quanto a de *sapiens*, ela é, contudo, ainda menos apropriada do que esta, visto poder servir para designar grande número de animais. Mas existe uma terceira função, que se verifica tanto na vida humana como no animal, e é tão importante como o raciocínio e o fabrico de objetos: o jogo. Creio que, depois de *Homo faber*, e talvez ao mesmo nível do *Homo sapiens*, a expressão *Homo ludens* (homem lúdico) merece um lugar em nossa nomenclatura (HUIZINGA, 2019, p. 13).

No célebre livro *Os jogos e os homens*, Roger Caillois (2017, p. 16) sustenta a tese de que a gratuidade fundamental do jogo é justamente a característica que mais o deprecia, gratuidade que, aliás, é o que permite que todos se entreguem ao jogo com despreocupação, mantendo-o isolado das atividades compreendidas pela sociedade como relevantes. De modo assertivo, Huizinga e Caillois nos provocam quando afirmam não haver uma teleologia do jogo/brincadeira, nenhuma razão superior que não seja a da própria excitação em jogar/brincar. Penso o mesmo sobre a *leitura viva* na universidade, que sua presença não encontra outra justificação que não seja a de suspender o tempo racional-produtivo ou, ao menos, de fazê-lo deambular. É claro que muito(a)s dirão que se sentem úteis e produtivo(a)s quando estão lendo – disso não tenho dúvidas. A questão é que a *leitura viva* está contida no gesto de leitura propriamente dito, embora seja-lhe estrangeira. São cintilações, clareiras, piscadelas de vitalidade que se fazem mesmo quando, de modo oportuno, nos colocamos a ler um artigo, capítulo de livro, tese ou dissertação. A vitalidade de uma leitura não está necessariamente ligada a

sensações de alegria, deleite ou prazer – embora possa, com sorte, estar. Há instantes de vitalidade que nos acometem pelo fato de despertarem em nós uma tensão, de nos levarem a regiões de incompreensão ou mesmo de diluição de saberes até então constituídos.

Não obstante, se em nossas leituras acadêmicas ocupamos-nos em somente *fabricar* objetos – um trabalho de conclusão de curso, uma dissertação, uma tese de doutorado – há de se considerar justificável a sensação de impostura diante de leituras que nos levam a outros espaços, experiência que pejorativamente chamamos de dispersão. “Não tenho mais energia para ler um romance”. “Quando acabar minha pesquisa pretendo ler a pilha de livros que comprei, mas que ainda não li”. Tais enunciados, geralmente proferidos de modo lamurioso, denunciam o quanto nos defendemos da possibilidade da surpresa em nome do imperioso *logos* acadêmico e de sua rede de obsessões. Durante muito tempo acreditamos que nossas pesquisas prescindiam de nós mesmo(a)s, que para alcançarmos a tal objetividade lógica do mundo e, por conseguinte, de nossos problemas de pesquisa, era preciso que nos colocássemos apartado(a)s das misturas e simulacros do próprio mundo. Só assim achávamos que conseguiríamos observá-lo e manipulá-lo do modo mais neutro quanto possível. Uma vez descartadas as variáveis de nossos corpos e histórias de vidas, estaríamos apto(a)s a ler, de forma límpida, centrada e ajuizada, nossos “sujeitos” e “campos de pesquisa”. E assim acabamos por objetificar nossos autores e autoras, tornando-nos ventríloquos de uma solene teoria. Ao invés de conversas, fazemos da leitura um ritual estereotipado dotado de maneirismos, reiteraões e manias.

Ao discorrer sobre seus próprios escritos, Nietzsche faz um desabafo: “Não consigo ficar solene, o máximo que alcanço é o embaraço” (NIETZSCHE, 1995, p. 55). Assim como o filósofo, creio que pesquisamos não para nos tornarmos mais ou menos solenes perante nossas teorias, mas para nos embaraçarmos diante delas, sendo a escrita o testemunho de tais hesitações. Penso nos embaraços com

os quais lidamos ao longo de nossas pesquisas, embaraços que por vezes nos fazem surtar, mas que também apontam para outros quereres, mudanças de rota, vontades desconhecidas. Toda leitura é, portanto, embaraçada. Como um scanner, percorre nossos corpos à procura de lascas de desejo, mas esbarrando no que, em *Receita para arrancar poemas presos*, Viviane Mosé (2000) chama de palavras calcificadas. Mergulhamos em mares de PDF em busca de citações e referências garimpadas dos infindáveis textos repetidores de textos. A *leitura viva* embaraça o(a) leitor(a) porque lhe oferece o risco quando o que busca é um passaporte para viagens já viajadas.

## NOTA CINCO

Quando comecei a cursar o mestrado criei um hábito literário. Gostava de passar em um estabelecimento próximo de casa para comprar um livro desconhecido e barato, destes que os sebos têm aos borbotões. Depois de uma manhã e de uma tarde arduamente dedicadas à escrita, precisava de alguma válvula de escape para lidar com o vazio e o cansaço – nessa época ouvia muito uma frase com a qual concordava, de que nós, estudantes de pós-graduação, éramos sujeitos essencialmente esgotados. O certo é que o ato de percorrer lentamente o olhar a cada livro ordenado me deixava literalmente siderado. Ainda hoje lembro do cheiro de livro usado e dos estalidos dos meus pés no antigo assoalho. E então, como se respondesse a um chamado, cuidadosamente retirava um livro da prateleira, contemplando o pequeno vazio que nela se formava. “Um livro autêntico jamais é impaciente, mesmo (e talvez sobretudo) quando empoeirado e esquecido na estante, ao lado do livro que procurávamos” (STEINER, 2020, p. 12-13). Após fazer o pagamento com as parcas e magras notas de um bolsista de mestrado, me dirigia ao mercadinho que ficava quase ao lado, procurando alguma mesa embaixo do toldo da entrada. O troco do livro me permitia tomar uma generosa taça de

café passado. Na companhia das abelhas que, atraídas pelo açúcar, zanzavam ao redor da xícara, retirava da mochila o livro que, apesar do desgaste do miolo, de sua capa encardida e de suas páginas amareladas, a mim se mostrava intocado. E ali permanecíamos por horas, unidos pelo cheiro do café e pela leveza de uma leitura leve e cadenciada. De tempos em tempos erguia a cabeça para espiar o mundo que, diante de nós, passava.

Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça? (BARTHES, 2004b, p. 26).

Em nossas leituras acadêmicas, em quais momentos nos vemos compelida(o)s a levantar a cabeça? Então penso nas tantas metodologias existentes, no quanto se destinam ou não a esses acasos de leitura, no quanto estão dispostas a ceder espaço à aventura, ao *ludens*, ao que, em *Escritos tímidos sobre o visível*, Gilbert Lascault tão bem designou de “discurso tímido”, esse “discurso nômade, vagabundo, que não conhece inimigos, que não busca um objetivo, que vagueia para evitar o tédio de sua imobilidade” (LASCAULT, 2008, p. 8). Talvez a chave para estas questões esteja menos nas metodologias utilizadas e mais nos modos de pesquisar que as colocam, ou não, em movimento. Tratam-se de modos de pesquisar que se engendram aos modos como habitamos o mundo (perspectiva ética), à diversidade de autoras e autores que, por meio de nossas leituras, clamam por poder ou por espaço.

## NOTA SEIS

Aos meus doze anos, estive a ponto de ser atropelado por uma bicicleta. Um padre que passava me salvou com um grito: “Cuidado!”. O ciclista caiu no chão. O senhor padre,

sem se deter, me disse: “Viu só o que é o poder da palavra?” Naquele dia, fiquei sabendo. Agora sabemos, além do mais, que os Maias sabiam disso desde os tempos de Cristo, e com tanto rigor que tinham um deus especial para as palavras (GARCÍA MÁRQUEZ, 2011, p. 101).

Penso no menino Gabriel e na força da palavra “cuidado!” Então retorno ao que escrevi no início deste ensaio, de que os livros já salvaram e provavelmente ainda salvarão muita gente. Mas estes não seriam por si só responsáveis por tais feitos, afinal, de que vale um livro nunca lido e intacto? Os livros contam com a delicadeza de seus leitores e leitoras. O gesto é mútuo. E então me pergunto: quem cuida de nossas pesquisas? Será que fazemos de nossas leituras cuidado?

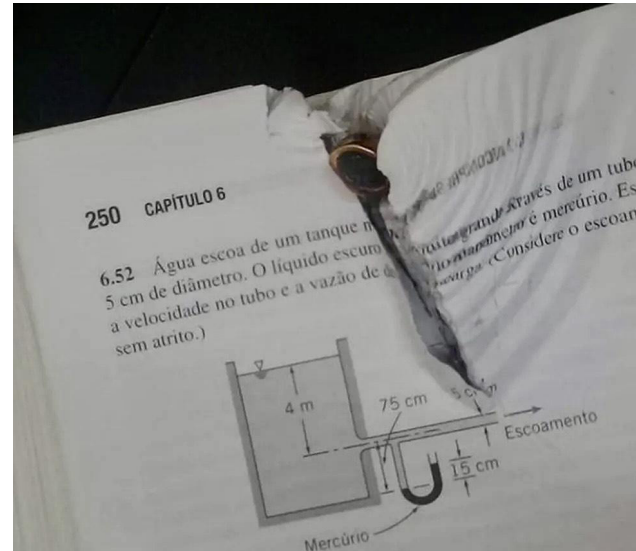
## NOTA SETE

Para não restar dúvidas de que os livros salvam, finalizo trazendo uma matéria jornalística que me deixou impressionado<sup>19</sup>. Em março de 2018, um estudante universitário foi salvo de uma bala perdida graças a um objeto de papel que carregava na mochila. O projétil ficou espantosamente alojado na página 250 de um livro de física, sem o qual a vida do estudante, muito provavelmente, teria acabado. Diferentemente de García Márquez, o estudante teve como protetor, não uma palavra, mas um livro em sua mais concreta materialidade. Como já dito, toda leitura, seja *viva* ou *morta*, é feita de formas e de forças, de palavras alinhadamente dispostas no texto e de tantas outras não digitadas ou escritas, ainda não exploradas. Que, em nossas pesquisas, a *leitura viva* seja uma forma de arremesso e também de amparo. Em um país historicamente avesso à pesquisa, que as *lei-*

19 BANDEIRA, Mateus. TEIXEIRA, André. Livro para bala e salva aluno em local de chacina em Fortaleza. *Gl, Ceará*. 13/03/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/livro-para-bala-e-salva-aluno-em-local-de-chacina-em-fortaleza.ghml>. Acesso 29 mai. 2023.

*turas vivas* continuem a nos embarçar, trazendo alegria no espanto e, sobretudo, muita coragem.

**Figura 1 - Matéria no site G1**



Fonte: BANDEIRA e TEIXEIRA, 2018.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Mateus; TEIXEIRA, André. Livro para bala e salva aluno em local de chacina em Fortaleza. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/livro-para-bala-e-salva-aluno-em-local-de-chacina-em-fortaleza.ghtml>. Acesso em: 29 mai. 2023.

BARROS, Fernando de Moraes. Introdução. *In*: NIETZSCHE, Friedrich. **A verdade e a mentira no sentido extramoral**. São Paulo: Hedra, 2007, p. 9-22.

BARTHES, Roland. **Inéditos, I** – teoria. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

BARTHES, Roland. **Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.



BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. São Paulo: Cultrix, 2013.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens**: a máscara e a vertigem. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Eu não vim fazer um discurso**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LASCAULT, Gilbert. *Écrits timidez sur le visible*. Paris: Editions du Félin, 2008.

MILLER, Henry. **Primavera Negra**. São Paulo: IBRASA, 1968.

MOSÉ, Viviane. **Pensamento Chão**. Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. São Paulo: Hemus Editora, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **A verdade e a mentira no sentido extramoral**. São Paulo: Hedra, 2007.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2019a.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34, 2019b.

SELDMAYER, Sabrina. Raduan Nassar: conversa com o contemporâneo. **Revista Cult**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/raduan-nassar-conversa-com-o-contemporaneo/>. Acesso em: 29 mai. 2023.

STEINER, George. **Aqueles que queimam livros**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.